

...SBS, Fernando Cabrita, Desidério Magalhães (paralelo), Magalhães (paralelo), José A. Santos (paralelo), Vitor Hugo (paralelo), Paulo Zulu (paralelo), ...
 ...SBS, Fernando Cabrita, Desidério Magalhães (paralelo), Magalhães (paralelo), José A. Santos (paralelo), Vitor Hugo (paralelo), Paulo Zulu (paralelo), ...
 ...SBS, Fernando Cabrita, Desidério Magalhães (paralelo), Magalhães (paralelo), José A. Santos (paralelo), Vitor Hugo (paralelo), Paulo Zulu (paralelo), ...

MALU GASPAR

Malu Gaspar
 malu.gaspar@globo.com.br

Já vimos este filme ruim

Ao deixar a Petrobras, Jean Paul Prates contou aos colegas de diretoria que Luiz Inácio Lula da Silva foi lacônico admitindo-o de cargo na última terça-feira, em encontro rápido no Palácio do Planalto. Pelo relato dele, o presidente alegou duas razões principais para tirá-lo do posto. A primeira: os dois não estavam "alinhados" em relação aos rumos da empresa. A segunda: Lula não perdoou o fato de Prates não obedecer sua ordem para votar pela rejeição dos dividendos extraordinários que seriam distribuídos aos acionistas, entre os quais a própria União. Uma afronta, falou o presidente na conversa. Uma deslealdade, disse Lula aos aliados.

Nem é preciso ser bom entendedor para traduzir o gesto. Prates nem de longe era rebelde às ordens do presidente. Mas Lula está ansioso para voltar rapidamente ao tempo em que mandava na companhia sem grandes obstáculos, para que ela volte a despejar bilhões em megaprojetos como a refinaria Abreu e Lima ou o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro. Ou na construção de estaleiros, que na última encarnação petista eram financiados pela Sete Brasil. O presidente tem saudades de quando se apresentava de macacão laranja e mãos sujas de óleo para aplauso de um mundo que via no Brasil uma estrela global em ascensão. Naquela época, a Petrobras chegou a responder por 34% do investimento do Plano de Aceleração do Crescimento, o PAC, e a economia brasileira chegou a crescer 7,5% em um ano.

A nova CEO da Petrobras, Magda Chambrind, promete trazer de volta esse passado. Nas conversas com os ministros de Minas e Energia e da Casa Civil, maiores adversários de Prates no governo, ela também sinalizou que abraçaria seus projetos favoritos — como os gasodutos que fazem brilhar os olhos de Alexandre Silveira ou a fábrica de fertilizantes da Faldal Unigel, de um empresário amigo de Rui Costa. Abriu espaço, também, para que indicassem pessoas de sua confiança para a diretoria e cargos-chave na empresa. E, antes de ser confirmada, recebeu o aval de Dilma Rousseff e do ex-presidente da Petrobras José Sérgio Gabrielli, consultados pelo próprio Lula.

Portanto, por mais que seja reconhecida como técnica experiente, foi pela política que Magda conquistou o posto. E, se por um



lado do passado que ele se comprometeu a reverter evoca boas lembranças em Lula e em seus ministros, aos contribuintes e acionistas da Petrobras ele reaviva a memória de um rastro de prejuízos irreparáveis.

Os números são do Tribunal de Contas da União: o Abreu e Lima tornou US\$ 19 bilhões. O Comperj, mais US\$ 8 bilhões. A Sete Brasil, criada para financiar os estaleiros com conteúdo nacional, fez derreter mais US\$ 25 bilhões. Somado, o rombo foi de US\$ 56 bilhões, ou quase R\$ 300 bilhões que, de acordo com o TCU, nunca mais serão recuperados — com exceção dos R\$ 6,1 bilhões devolvidos por pessoas físicas e empresas que confessaram ter desviado o dinheiro da Petrobras por meio de propina e superfaturamento. Tudo isso sem contar a desastrosa política de uso da caixa da Petrobras para subsidiar os combustíveis, que custou mais US\$ 40 bilhões.

Superar o trauma deixado por tamanha destruição de valor exigiu longo aperfeiçoamento institucional, com restrições legais ao uso político das empresas de controle público e mudanças no estatuto da Petrobras que travam investimentos sem um mínimo de viabilidade e retorno financeiro. O "sistema"

tema" vem trabalhando para desmontar esse arcabouço desde o governo Bolsonaro, com as mudanças na Lei de Improbidade Administrativa, a flexibilização da Lei das Estatais e o desrespeito às regras de governança da Petrobras.

A escolha de Magda Chambrind sugere que Lula está decidido a completar o trabalho e derrubar as barreiras erguidas desde o petrolião, repetindo a estratégia de usar a Petrobras para irrigar a economia, a tempo de chegar em 2026 com mais chances de se reeleger.

Acontece que o Brasil não é mais o mesmo. Além da Lei das Estatais, estão aí a autonomia do Banco Central, os entregadores de iFood, os motoristas de Uber, os orçamentos secretos, o conservadorismo evangélico, a extrema direita radical e grandes catástrofes naturais como a do Rio Grande do Sul. Não há razões para acreditar que soluções que já não funcionaram lá atrás, num cenário favorável, funcionarão agora, em contexto bem mais desafiador, com uma sociedade tão mais complexa e desafiada por diversos.

Torrar bilhões para fazer o Brasil de 2024 se encaixar num roteiro dos anos 2000 gerará enormes prejuízos. Sem garantir final feliz nem sucesso de público.

ARTIGO

Exemplo que o país tem de dar

ALEXANDRE VASSERMAN



Segundo dados do último relatório da FAO, 735 milhões de pessoas passaram fome em 2022 — 122 milhões a mais que em 2019. Desse total, 150 milhões são crianças de até 5 anos. Nesse contexto, a fome e a insegurança alimentar foram temas centrais em pauta na reunião deste ano do Grupo dos 20 (G20) e um dos principais pontos de consenso, costurados por iniciativa do Brasil, que propôs uma possível Aliança Global Contra a Fome e a Pobreza.

O projeto de aliança do governo brasileiro começou quando o país assumiu a chefia do G20 em Nova Délhi, na Índia, no ano passado. A proposta é oferecer experiências bem-sucedidas de combate à fome a nações que queiram implementar políticas públicas em seus territórios para garantir os direitos humanos à alimentação adequada, nutritiva e saudável. Contudo não há como passar despercebido que o próprio Brasil é ineficiente na garantia desses direitos e na resolução da fome no país, com políticas públicas que desconhecem importantes elementos desta cadeia: as grandes indústrias, varejo e produtores do setor alimentício e o imenso desperdício que assola o setor.

Enquanto o país se destaca como proponente de soluções globais, os números internos pintam um quadro sombrio. Segundo o IBGE, 8,7 milhões de brasileiros seguem em situação de insegurança alimentar grave. Enquanto isso, o Brasil produz anualmente 161 milhões de toneladas de alimentos, mas desperdiça 55 milhões de toneladas no mesmo período, como mostra o Mapa da Fome e Desperdício de Alimentos no Brasil.

Brasil propõe soluções globais É crucial re-
contra a fome, pensar o modelo
mas desperdiça atual de desperdício de alimentos.
55 milhões de toneladas
de alimentos é possível alimen-
por anoantar milha-
 res de pessoas

com um recurso existente. Além disso, o descarte é financeiramente muito prejudicial ao setor, já que envolve altos custos. Já existe tecnologia especializada em combater o desperdício em larga escala, promovendo conexões mais eficientes entre os principais atores do setor alimentício, e também em repensar a distribuição de alimentos para atender às populações mais vulneráveis.

A resposta é doar, não descartar. Não podemos continuar ignorando o potencial desses alimentos descartados de aliviar a fome e nutrir aqueles que mais precisam e devemos construir mecanismos para tornar isso cada vez mais viável.

A proposta do governo federal no G20 precisa considerar uma abordagem que una forças com o setor privado para desenvolver políticas que possam distribuir melhor os alimentos e aliviar o problema. Somente por meio de cooperação entre quem sabe como sanar o problema com tecnologia e na prática e quem pode desenvolver políticas adequadas poderemos esperar alcançar progresso significativo na erradicação da fome e do desperdício de alimentos.

Alexandre Vasserman é CEO da internet, startup que tem a missão de erradicar a fome e o desperdício de alimentos.

ARTIGO

Aposta paulistana e brasileira no futebol americano

GUSTAVO PIRES



O futebol americano, esporte mais popular dos Estados Unidos, vive uma expansão global sem precedentes. Assim como a marcha para o oeste expandiu o território americano, a NFL agora se aventura além das fronteiras originais, como o objetivo de estabelecer como fenômeno esportivo global. A jornada de internacionalização da NFL não apenas reflete a busca por novos mercados, mas também uma estratégia econômica ambiciosa, que encontra em São Paulo seu mais recente e promissor capítulo.

A NFL já é a liga esportiva mais lucrativa do mundo, faturando cerca de US\$ 18 bilhões por ano, o triplo da Premier League, o campeonato inglês de futebol. Desde 2007, também explora mercados europeus, levando partidas oficiais a países do continente. No ano passado, jogos foram realizados em Londres e Frankfurt, solidificando o interesse internacional pelo esporte. Agora, em 2024, a liga está pronta para alcançar novas fronteiras, marcando seu primeiro jogo oficial no Hemisfério Sul — e São Paulo foi escolhida como anfitriã desse marco histórico.

A decisão de trazer a NFL para São Paulo não foi apenas questão de infraestrutura, mas também uma estratégia econômica cuidadosamente planejada. Embora cidades como Madrid e Barcelona também tenham sido consideradas, a capital paulista emergiu como escolha óbvia, devido à sua posição como mercado-chave para a NFL no Brasil. Com mais de 35 milhões de entusiastas do esporte no país, o Brasil é o segundo maior mercado consumidor da NFL fora dos Estados Unidos.

O impacto econômico do jogo inaugural da NFL é significativo. Estima-se que a partida movimentará cerca de R\$ 330 milhões (US\$ 60 milhões) na capital paulista, gerando aproximadamente 5 mil empregos diretos e indiretos. A expectativa é que pelo menos 10 mil americanos venham à cidade para assistir ao jogo na Arena Corinthians.

Com planos de sediar mais jogos nos próximos anos, São Paulo se posiciona como destino-chave para eventos esportivos globais. Além dos benefícios econômicos, esse evento representa um marco na história da NFL. Será a primeira vez em mais de 50 anos que uma partida da liga acontecerá numa sexta-feira, transmitida ao vivo para todos os Estados Unidos e mais de cem países, o que não apenas reforça a vocação de São Paulo como centro global de eventos esportivos, mas também solidifica a posição do Brasil como mercado em crescimento para a modalidade.

A medida que nos preparamos para receber o Philadelphia Eagles e o Green Bay Packers em solo brasileiro, em 6 de setembro, fica evidente que esse é apenas o começo de uma nova era para o futebol americano no Brasil. O jogo inaugural da NFL em São Paulo é também o catalisador para o crescimento de um esporte que estará na Olimpíada a partir de 2028. É definitivamente a cidade de São Paulo na rota dos principais eventos globais.

Gustavo Pires é presidente da SP Fúris

para assistir ao jogo na Arena Corinthians. Com planos de sediar mais jogos nos próximos anos, São Paulo se posiciona como destino-chave para eventos esportivos globais.

Além dos benefícios econômicos, esse evento representa um marco na história da NFL. Será a primeira vez em mais de 50 anos que uma partida da liga acontecerá numa sexta-feira, transmitida ao vivo para todos os Estados Unidos e mais de cem países, o que não apenas reforça a vocação de São Paulo como centro global de eventos esportivos, mas também solidifica a posição do Brasil como mercado em crescimento para a modalidade.

A medida que nos preparamos para receber o Philadelphia Eagles e o Green Bay Packers em solo brasileiro, em 6 de setembro, fica evidente que esse é apenas o começo de uma nova era para o futebol americano no Brasil. O jogo inaugural da NFL em São Paulo é também o catalisador para o crescimento de um esporte que estará na Olimpíada a partir de 2028. É definitivamente a cidade de São Paulo na rota dos principais eventos globais.

Gustavo Pires é presidente da SP Fúris